

Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 06, número 11, 2007 - ISSN 1676-2924

O PENSAMENTO COMPLEXO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMA

Reginaldo Guiraldelli
Doutorando em Serviço Social pela UNESP
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” /Franca-SP
reguiraldelli@hotmail.com

A complexidade, considerada uma ramificação dentro do campo da ciência pós-moderna, surge em meados do século XX com o objetivo de criar e propor uma nova forma de se pensar e fazer ciência, visto que até então o que prevalecia e continua em pleno vigor na atualidade é o pensamento cartesiano que foi constituído nos séculos anteriores, baseados em preceitos rígidos, estanques e fragmentados.

O pensamento moderno/cartesiano, este que tanto se priorizou e continua vivo e arraigado nos meios científicos e acadêmicos é oriundo de uma forma de pensamento desencadeada na razão aristotélica, ou seja, lógico/formal, negando os princípios da incerteza, da desordem e outros elementos, visto que é um pensamento dual e não extrapola tais barreiras. Essa versão de fazer ciência separou o espírito da matéria e a ciência da filosofia.

Tal modelo de pensamento, tido por hegemônico, pois permanece na atualidade, mostra os sinais de esgotamento diante de problemáticas que não conseguem encontrar respostas satisfatórias frente à complexidade dos fatos e fenômenos apresentados na realidade. Isso ocorre pelo mesmo apresentar soluções unilaterais aos problemas que requerem inúmeras expressões e ações diante das adversidades mundanas.

Inúmeros pensadores da história da humanidade contribuíram para pensar o sistema em que vivemos, porém muitos deles forjaram maneiras de explicar os fenômenos mediante a retaliação e a morte de elementos intrínsecos ao homem e a natureza. Um dos exemplos foi a desconsideração da subjetividade e do imaginário, sendo estes presentes e intrínsecos a existência dos seres vivos.

Diante desse fato, o essencial é compreender em que contexto histórico aquele pensamento foi elaborado e reconhecer a importância dos mesmos para o avanço e evolução nas formas de pensar o mundo de hoje. Assim, não podemos descartar o valor dos mesmos, mas apenas superá-los na produção do conhecimento, visto que novos tempos e novos contextos surgem e ressurgem.

O que se verifica hoje é uma crise paradigmática no que tange a produção do conhecimento nos mais variados campos do saber.

Assim novas formas de elaboração do pensamento emergem na necessidade humana de novas respostas, mais efetivas e correspondentes aos dilemas atuais.

O pensamento complexo surge da necessidade de buscar respostas mais evidentes para as crises e problemas contemporâneos que assolam a vida da população, da natureza e o planeta como um todo.

Nessa perspectiva, a complexidade, compreendida como uma linha de pensamento com raízes na década de 1950 com as idéias de Edgar Morin, segue uma forma não-linear e não determinista de elaboração do conhecimento. Tem como alguns princípios a dialógica, a incerteza, a desordem, o caos e a impossibilidade de se atingir verdades absolutas. Além disso, nega o princípio da linearidade que acredita ter em toda causa um efeito e busca compreender a parte no todo, sendo que o todo também se encontra nas partes, pois são elementos indissociáveis. Seguindo essa linha, na relação

do todo com as partes, verifica-se a relação do homem com o cosmos, ou seja, a unidade com a multiplicidade.

Outro quesito focado pela complexidade é a subjetividade/ o imaginário, compreendendo que tais fatores não podem ser dissociados do homem, o que ocorreu com a ciência cartesiana, que abandonou os fenômenos subjetivos, dando primazia à objetividade e racionalidade, propiciando a destruição dos símbolos e de outras formas de pensamento como os mitos, a magia e a alquimia.

Com base nas interpretações de Edgar Morin, resumidamente, complexidade seria tecer junto, religar e rejuntar. É claro que tal pensador explicita alguns riscos de cairmos numa certa simplificação dessa corrente de pensamento ao elencarmos esses pontos.

Sendo assim, parte da premissa de considerar a complexidade não como um paradigma, mas como algo que se apresenta no cotidiano das pessoas, entendendo as relações humanas como sistemas abertos que se interagem entre si. Destarte, a complexidade está no vivido, nas relações simultâneas entre homem, natureza, sociedade e informações circundantes.

A grande preocupação do pensamento complexo é para aqueles que se apropriam de sua corrente, com vistas a não caírem em relativismos e reflexões generalizantes acerca da realidade.

A complexidade visa entender a realidade como sistemas em que estão envolvidos homem, sociedade, galáxia, átomos, células, o meio ambiente, a cultura e os demais fenômenos existentes que interferem e sofrem interferência desses fatores. Não é possível haver uma forma de ciência isolada, visto que essa se insere dentro de sistemas, onde somos produtos e produtores nesse cosmos.

Diante das questões supracitadas, surgem novos desafios no que concerne às novas formas de produção do conhecimento, com vistas a garantir e priorizar o diálogo entre as disciplinas e ramos do saber, numa perspectiva transdisciplinar.

Outro ponto crucial é a relação estabelecida entre sujeito e objeto, observador e observado, visto que ambos estão em interação e por isso a impossibilidade da dissociação.

Para isso, as variadas áreas do conhecimento devem reconhecer suas impotências em dar respostas isoladas aos problemas apresentados, serem humildes em aceitar o envolvimento das outras disciplinas e assim construir conhecimentos/saberes em conjunto, com vistas a atingir com melhores resultados os objetivos propostos.

Tal variável não ocorre em via de mão única, além de ser um aspecto que exige tempo e disciplina na construção de novas formas de pensar e como afirma Edgar Morin, o que se faz necessária é uma reforma do pensamento, que possa romper com o enrijecimento científico e os dogmas vigentes.

O cientista e o pesquisador devem sempre caminhar na perspectiva de reconhecer os limites e imperfeições humanas, considerando como mola chave o princípio da incerteza, negando qualquer forma de verdade absoluta nas reflexões dos fatos em voga. Para isso, o primeiro passo é partir de interrogações sobre a realidade abordada, integrando elementos racionais, objetivos, subjetivos, mágicos e míticos.

Diante disso, nenhuma linha de pensamento, nem mesmo a complexidade deve ser tida por determinista, irreduzível ou mais fidedigna, visto que isso foi uma construção e necessita ser rompida por aqueles que reconhecem os limites, fragilidades, impotências e incertezas humanas.

O grande passo na retomada científica é reconsiderar aquele que foi desprezado por séculos pelas ciências, que é o Homem, em toda a sua diversidade, dentro de uma teia de complexidades.

O homem foi negado em sua trindade (razão, afetividade e pulsão) na concepção cartesiana.

Vale destacar que o saber não deve estar apenas a serviço da produção científica e academicista, mas aliado ao homem, com o intuito de garantir inclusão, igualdade, sustentabilidade, desenvolvimento humano e justiça social.

É importante salientar que nossos pensamentos interferem na realidade e o que pensamos e a forma como agimos influenciam o meio ambiente, os homens, o espaço e as demais esferas da vida. Isso ocorre pelo fato de estarmos interconectados com o universo, sendo partes integrantes de um todo. Assim, podemos dizer que criamos a realidade e nos tornamos cientistas de nós mesmos.

A realidade e o homem ainda se consistem em um enigma, um labirinto de mistérios que nenhuma mente conseguiu decifrar, diante das limitações da nossa captação cerebral.

O que se busca é uma nova forma de pensamento e de produzir conhecimento, considerando que o saber não é somente aquele produzido dentro dos muros acadêmicos, mas também aqueles produzidos nas esferas da vida cotidiana, no senso comum (especificidades até então ignoradas pelo cartesianismo).

Portanto, esse novo parâmetro colocado para se produzir conhecimentos deve ser orientado na perspectiva das possibilidades, como os estabelecidos pela ciência quântica e não das verdades absolutas e eternas, visto que a realidade é complexa, contraditória e pode ser alterada.

Referências

CAPRA, Fritjof. O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1982.

MORIN, Edgar. Diálogo sobre o conhecimento. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. Introdução ao Pensamento Complexo. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2004. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro; PENA-VEGA, Alfredo. O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 1999